ANO 13.º — Domingo, 22 de Fevereiro de 1920 — Numero 611

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional*, R. dos S. Ma tires—AVEIRO.

Redacção e Administ ação, Rua Direita, n.º 64

Nós

Faz hoje precisamente 13 anos que o *Democrata* surgiu á luz da publicidade.

Treze anos! Vida longa e atribulada, mas que nem por assim ser o obriga a abandonar o posto de honra de sempre—modesto, patriota, republicano—ou a depôr o clarim que tantas vezes vibrou contra os abusos e crimes da monarquia quando via em perigo as regalias populares e a existencia da liberdade nacional.

Nas horas mais duras do combate, nos momentos mais dificeis e perigosos da propaganda, este jornal não arredou pé do seu logar e onde esteve, hoje está, com a mesma fé arreigada, com a mesma profunda coavicção de que um dia virá verdadeiramente luminoso para o país, quando a Republica fôr expurgada, a bem ou a mal, do bando ignobil que a conspurca e que a afronta.

Combatendo a monarquia, vimos, ha muito, combatendo igualmente quantos, á sombra das atuais instituições, desde o *ex-tenente medico miliciano*, que é uma sintese, aos mais graduados e infimos *homens politicos, politicos republicanos e republicanos democraticos*, estão praticando identicos abusos e os crimes correspondentes.

Com sacrificio? Sim; porque com isso só concitâmos contra nós o odio, a colera da intolerancia rubro-sectarista que não admite que se fale a linguagem da Verdade, que não tolera que haja uma consciencia, unica que seja, a contrariar-lhe os tenebrosos planos anti-patrioticos em que vem envolvendo os destinos da nação.

Pois quê? Desertarmos, nós, quando todos presentem os momentos angustiosos da Patria e as nuvens sombriamente densas se acastelam, obscurecendo os horisontes da Republica?

Não, não e não!

O país caminha, como logica consequencia dos erros acumulados, para o abismo! Precipitar-se á, mas nanja com a nossa cumplicidade, porque queremos ter o direito incontroverso de apontar os criminosos responsaveis por essa hecatombe nacional, pedindo-lhes a cabeça e bradando do alto desta tribuna como um grande patriota, em egualdade de circunstancias, já um dia exclamou:

O' Patria! E' neste momento em que te vejo gotejando sangue, inanimada, com a cabeça pendente, os olhos fechados, a boca aberta mas silenciosa, com os vergões do azorrague marcado nos hombros, com a carda dos sapatos dos carrascos impressa sobre todo o corpo, núa e manchada, e semilhante a uma cousa morta, objecto de odio, objecto de zombarias, é neste momento—Patria!—que o coração trasborda de amor e de respeito por ti.

Entrando, pois, *O Democrata* no seu novo ano de existencia e fechando as considerações que lhe sugere o momento atual, com a reprodução das palavras proferidas por Vitor Hugo, faz votos por que elas, ecoando no coração dos puros e bons republicanos de Portugal, os resolva e apresse a um acto de energia e de coesão, salvador para a Patria e para a Republica!

Films...

A oitava maravilha

Lemos num diario de Lisboa que na noite de 13 para 14 do corrente se realisou, no quartel onde está instalada a bateria n.º 3, uma lauta ceia em que tomaram parte, em agradavel companhia de mulheres perdidas, oficiaes da referida bateria, inclusivé o proprio capitão comandante.

Comeu-se, bebeu-se por entre estrondosas guitarradas e vinho ás catadupas, confraternisando, nesta altura, comandante, oficiaes, mulheres e soldados que serviam de creados de meza.

Chama-se a isto fraternidade... a dar com um pau—conclue o colega que põe em destaque semelhante disciplina.

Nós, porêm, discordâmos visto na bôda não ter entrado o *Pintor*.

O' da guarda!

De varios jornaes:

> Desapareceu da Camara dos Deputados uma salva de prata no valor de cem escudos.
>
> . . . .
>
> Fala-se no tro g ande alcance no ministerio das subsistencias.
>
> . . . .
>
> Hade dar muito que entender ainda certo escandalo ferente ao transporte de açuca: paia o norte.
>
> . . . .
>
> Asseverou um deputado passar de mil contos o alcance aos bairros sociaes.
>
> . . . .
>
> Vai ser discutida no parlamento a pouca vergonha da compra de 8:000 contos de navios velhos.
>
> . . . .
>
> Um jornalista democratico partiu para Londres, a fim de combinar com a Casa Furness a maneira de evitar o pagamento de 12:000 contos ao Estado Português.

Bem diz o snr. Antonio Maria da Silva—ISTO E' UM PAÍS A SAQUE.

O' da guarda!
O' da guarda!

O luxo

Que agora sempre é certo ir ser tributado e reprimido o luxo.

Mas então para que mandaram a França o sr. Barbosa de Magalhães, penicular *atachê* do snr. Afonso Costa?...

Para que foi esse luxo?...

Opiniões

Sustenta Spinosa que *nada ha mais util para o Homem que o proprio homem.*

Por outro lado: nada mais *agradavel* do que a Mulher—sem cabelo na venta...

Obrigados

Fizeram-se éco, ha dias, certos jornaes de que atualmente existem nos diversos ministerios umas 500 vagas de funcionarios, mas que essas vagas não serão providas, em conformidade com as disposições em que o governo se encontra de diminuir as despezas publicas.

Ora aqui está um procedimento que nem parece da gente que nos governa. Deixar de prover 500 vagas quando por ai andam 8:000 empregados de costa direita, á bôa vida!

Obrigados. O' inclitos administradores do nosso dinheiro—obrigadissimos!

TRANSCRIÇÃO

O *Concelho de Estarreja* deu-nos a honra de trasladar para as suas colunas o nosso artigo—*Aterrador.*

Agradecemos.

De Lisboa

Em 19—II—1920.

Caro Arnaldo Ribeiro:

Não me passa despercebido o aniversario do *Democrata*.

Mas, repara meu amigo: ha muito que sinto o desfalecimento egual áquele que invade o naufrago ao fugir-lhe do alcance a boia salvadora!

Desfalecimento, sim; mágoa, descrença, odio, maldição, todos estes sentimentos me invadem a alma deante do espectaculo vergonhoso que os homens que dizem servir a Republica, oferecem, numa inconsciencia ou num proposito nunca ultrapassado, merecedor de toda a condenação.

Digo-t'o com o coração retalhado por a maior dôr!

Digo-t'o porque sinto a Patria estremecer, vexada, afrontada por esse bando de traidores, engrossado pela escória vil que de todos os campos monarquicos se lhe reuniu.

Todos os objectivos a que visávamos, numa luta desesperada, jogando a vida e sacrificando o pão da familia, nem um deles, sequer, foi atingido, porquê a obra dos governos republicanos partidarios, tudo atraiçoou, tudo adulterou em proveito dos seus chefes e respectivas clientelas.

Todas as nossas aspirações, que consistiam na redenção da Patria pela Republica, mas uma Republica limpa, tendo por base a moralidade e por divisa a fraternisação entre os portuguêses, todas essas nossas aspirações, Arnaldo, se desfizeram e caíram precisamente ás mãos daqueles em quem mais confiavamos e que mais compromissos tomaram perante a nação de a respeitar e fazer respeitar.

Olha o que aí vai. Intrujaram-nos, perderam-nos e agora é vê-los num rebate de consciencia ou num vágado de cobardia, a fugir ao juiz supremo que tarde ou cêdo os hade julgar.

Nem o estertor da Patria os anima a um derradeiro esforço para a salvarem!

Pois tu não vês isto? Não ponderas, não analisas todo o estendal de miserias em que se estatelaram os idolos e os deuses julgados salvadores?

Apezar de tudo, meu velho, ainda aqui estou hoje, mas resolvido a não dispender o resto das minhas já desfalecidas energias na luta ingloria contra essa alcateia esfaimada de lobos, que tudo devora.

Assim: artigos, jornaes, livros, panfletos, discussões, tudo porei de parte, desiludido, como tantos outros, esperando, no entanto, a hora em que duma vez e para sempre se decida dos destinos desta Patria que tão digna era de melhor sorte.

O que te digo, porêm, não é com intenção de te converter. Não. Continua se te pede, como vejo, o espirito republicano e o amor ao ideal por que tanto temos quebrado lanças e pelo qual ainda te abraço e os teus companheiros, enviando-te os parabens pelo aniversario do jornal.

Teu muito do coração,

J. E. Andrade

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ozorio.*

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

REPUBLICA E REPUBLICANOS

Meu caro Arnaldo:

Faz por agora anos que, quando ainda se não estabelecera esta babilonica mistura de cristãos novos e velhos, você lançou á luz da publicidade o seu *Democrata*, mal imaginando que poucos volvidos, teria de transforma-lo no baluarte de defêsa, tanto contra os declarados e descobertos inimigos da Republica, como até daqueles que passaram a dizer-se seus amigos e defensores e que, tem sido justamente os seus mais perniciosos adeptos, os que a tem encravado, inutilisado, os que dela fizeram como que uma continuação da defunta monarquia.

Que saudosos tempos aqueles em que *nós*, os republicanos de sempre, *nós*, os que iamos expôr, sem hesitações nem desfalecimentos, nos comicios, nas urnas, nos pamfletos, na imprensa as costelas aos sabres da municipal e o lombo esbordoado nas alfurjas da policia, não tinhamos outro inimigo a não ser o monarquico crapuloso, que das suas convicções nada mais fazia do que a têta por onde sugar até á ultima gôta os uberes da vaca do Estado!

Mas vem a Republica, com a Republica a ansia de mandar, com esta a de cada um mandar mais que os outros, e a porta abre-se, escancara-se ás adesões, transformando-se, a breve trecho, no cano de esgôto por onde a monarquia extravasou para a Republica toda a cáfila de gananciosos e de nulidades, cáfila que, com rigor, trouxe toda a série de vicios, de deformidades, de aleijões, de costumes dissolutos com que cavara a ruina do antigo regimen. E não havia já pêjo na escolha; entrava tudo que para garantir a ração de cevada para o ôdre, salamalequeasse em ademanes e curvaturas nojentas de aduladores, a sua adesão, sem mais formalidades, á Democracia.

Os dois partidos mais reacionarios da monarquia—o progressista e o franquista—para cá deitaram toda a escumalha dos seus mais rancorosos e inéptos figurões.

E a Republica—não digo bem—e os chefes republicanos aceitaram, sem escrupulo, toda essa vasa lamacenta, esquecendo completamente todos os agravos, todas as perseguições, todas as injustiças, todas as diatribes de que uns ou outros ou todos, tinham sido instigadores, ou executores!.

E' claro que tal gentinha nunca podia ser tomada a sério, nem recebida com confiança por aqueles que á Republica tudo tinham dado e que agora viam a seu lado, tomados em egualdade de valores aqueles que aos republicanos tudo tinham procurado arrancar. Era uma ofensa! Era quasi um insulto! Era, quando menos, uma gráve falta de tacto.

E aqui teve de começar outra luta, mais violenta talvez, contra os que, tendo passado na monarquia o tempo exclusivamente a comer acomodaticiamente, procuravam instalar-se na Republica para continuar a comer, pouco se lhes importando que a fórma da gamela fosse uma corôa ou um barrete frigio.

Portugal para todos os portuguêses, está muito bem; mas a Republica só para republicanos. Cl ro que de não o ter sido, resultou o caos politico em que o país se debate, em que ninguem se entende e em que se pôde chegar, sem dar por tal, aos 25 dias do reinado de Couceiro.

Nesta luta tem o *Democrata* ocupado um logar avançado de intransigente ideal republicano, batendo-se pela Republica e só pela Republica, fustigando impiedosamente tudo quanto não seja genuina e sinceramente republicano e procurando manter-se no campo do mais estricto puritanismo.

De facto, enquanto tal miscelanea subsistir, a Republica nunca será verdadeiramente republicana, por faltar, aos que a *utilisam*, a sinceridade e fé, que só os que a defenderam quando nada dela podiam esperar, por simples dedicação e amor a um ideal, pódem sentir e ter.

Que custa a essa gente de consciencia tão elastica como o estomago, berrar—*Viva a Republica!*—se tal e tão facil condescendencia póde render-lhe a garantia de continuarem na Republica a ter a mangedoura cheia como tinham na monarquia?

Ha gente com deslavamento para tudo, e como na monarquia a havia com abundancia, essa mudou logo de convicção sem córar, fez-se mais republicana que os velhos republicanos e ingressou na Republica, estendendo numa das mãos o seu voto de adesivo e na outra o chapeu de pedinte do emprego com que devia pagar-se-lhe o *sacrificio* da sua transigencia.

Desgraçadamente o numero destes adventicios foi grande, a crápula da monarquia pôde ter, portanto, o seu seguimento na Republica e muitos dos grandes republicanos, dos grandes lutadores, dos grandes sacrificados do tempo em que a luta era a valer, afastaram-se enojados, desgostosos, aborrecidos, feridos nos seus mais intimos sentimentos de puritanos por um ideal por cuja purêsa tanto haviam sofrido e que estavam vendo abastardar-se com o consentimento, com a complacencia, com a cumplicidade dos que deviam ser os primeiros a evitar-lhe a nódoa do contacto com os seus antigos e rancorosos adversarios.

Mas, enfim, seja-nos licito constatar que ainda ha quem se não tenha abastardado e continue na brecha, como antigamente, pela Republica, mas pela Republica pura, feita, dirigida, amparada, vivificada só por republicanos, pois só assim póde ser Republica.

Seu

Humberto Beça

Registando

Apoiado pela *Montanha*, do Porto, escreve o *Mundo*:

> Já não existe idolo que nos comova, desde que não se encontra á frente de esta campanha o estadisla prestigioso e forte que é Afonso Costa. De resto, nem esse era um chefe que mandasse soberanamente, mas apenas um dos nossos que mais simpatias tinha reunido pelo alto prestigio do seu talento. Possue uma chefia toda moral, tacita, sem querer.
>
> Quanto ao resto, o Partido Republicano Português orgulha-se de ser o mais forte partido da Republica e de ter a mais perfeita organisação que é possivel realisar-se.
>
> Não é um partido em debandada, é um partido em marcha. Sabe o que deve a si proprio e ao regimen. Quem se retira é porque está aborrecido ou impaciente. Não lhe convém a estada entre nós e retira-se. Siga o seu caminho que nem por esse facto desaparecerá o partido que proclamou a Republica e nobremente desfralda a bandeira dos radicaes principios republicanos.
>
> Não, o P. R. P. não está dividido e enfraquecido como pretende a *Republica*. Está forte e decidido a proseguir a sua derrota.

Pois então vâmos lá vêr onde chega *a sua derrota*...

Salvem Portugal

Não se pensa a sério na triste e calamitosa situação a que deixaram chegar o nosso país, digno de melhor sorte.

Encarando-a debaixo de todos os pontos de vista, chega-se a uma conclusão tão triste que nos põe numa perspectiva de terror e sobresaltos.

Ora, insistir, teimar sobre este ponto nunca é de mais e quem o não fizer com a melhor das intenções de serenidade, não só dá uma prova do seu indiferentismo pelos negocios publicos como põe em risco ou em duvida o interesse que todo o bom português deve ter pela sua Patria.

Eu sempre ouvi dizer que *quem cala consente*. Mais ainda: que *tanto dá a agua na pedra que a faz amolecer*, axiomas estes que teem um grande fundo de verdade e que na ocasião que atravessâmos não deixam de vir a proposito.

Os governos e parlamentares que se dizem representantes do povo, teem, infelizmente, deturpado a alta missão de que foram incumbidos, não encarando a sério o estado calamitoso a que todos, todos, sem distinção, conduziram o país.

Isto é uma pura verdade.

A ambição do mando é o que até agora temos presenciado nos homens que não reparam no que vai cá por baixo e isso entristece-nos e cada vez mais nos faz convencer que a inteligencia dos nossos estadistas está na razão directa da sua incompetencia.

Quando vejo o snr. Ramada Curto, que passa por um intelectual, ter a seu cargo a pasta do trabalho e querer que

todos sejam *pastas* com o cumprimento rigoroso da lei das 8 horas; quando vejo um deputado socialista pôr de parte os interesses da classe que no parlamento representa, para apresentar uma proposta concedendo á mulher portuguêsa regalias de eleitora, pondo de parte os assuntos de maior interesse e de maior vulto, confesso que fico desanimado.

Ora vejam se isto se tolera: o snr. Ramada Curto a restringir o trabalho, reforçando assim a mandrice da tendencia humana; o seu correligionario socialista a apresentar propostas frivulas e improprias da ocasião, como se as nossas mulheres se importem com o voto!

Tudo isto daria vontade de rir, se o momento não fosse de lagrimas.

O que é o trabalho? De certo já todos esqueceram este hino que é ao mesmo tempo uma proclamação:

Trabalhae, meus irmãos, que o trabalho
E' riqueza, é virtude, é vigor;
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vilas, cidades, amor.

E admite-se que um representante da classe trabalhadora exija o cumprimento duma lei que vai prejudicar altamente a propria classe! Isto é o cumulo!

Eu queria que houvessem mentores que ensinassem ao artista o cumprimento dos seus deveres na oficina e no lar. Queria que nas horas de trabalho o inspirassem e nas horas de descanço lhe concedessem o conforto indispensavel ao corpo e ao espirito. Trabalhar, mórmente na presente conjuntura, deve ser a norma de todos os portuguêses.

O voto á mulher! Parece mesmo troça, porque temos sempre a monomania de querer imitar o estrangeiro. Que me conste, nenhuma das nossas mulheres mostrou desejo de ser eleitora. Faço esta justiça á mulher portuguêsa e tenho a convicção de que ao deputado socialista lhe não foi passada procuração de tal mandato.

Eu não vejo beneficio absolutamente nenhum para o país e principalmente para a mulher em ser eleitora. Acho cêdo para esta aspiração. Pois se nós enfermâmos da falta de compreensão do que é o voto, se no geral, o eleitor vai a reboque do *cacique* que lhe promete *carneiro com batatas*, livrar-lhe o filho da vida militar ou arranjar-lhe assento á meza do orçamento, o que seria se a mulher se envolvesse na choldra de uma eleição guerreada em plena aldeia?!

O deputado socialista quiz, certamente, jogar uma cartada para ser agradavel ao belo sexo. Enganou-se, e tenho a firme certêsa de que a mulher séria e que vê, põe de parte taes regalias e não troca as canceiras da sua casa e da sua familia por aquilo que julgam uma conquista para o sexo feminino.

A mulher tem na sociedade um papel mais altruista, mais simpatico a desempenhar, que é, de portas a dentro, os encargos domesticos, educando e acariciando os seus filhos; dispensando toda a solicitude e dedicação a seu marido. E' esta a missão duma bôa dona de casa, é este o papel mais adequado e mais simpatico á nossa mulher, principalmente á mulher do povo.

Arrancando-a deste meio, roubam-lhe todos os seus predicados, tiram-lhe toda a sua beleza e os seus encantos transformam-se num viver árido como o escalvado das montanhas. O lar! A sua poesia cheia de fraternisação, perder-se-ia envolta na tristeza duma noite escura!

Tudo isto que exponho é a verdade, é a expressão sincéra colhida da prática, que é a *mestra da vida*.

E' preciso entrarmos, sem demora, no caminho do bom senso, de melhor orientação se quizermos que Portugal se não afunde no abismo para que caminha a passos agigantados. Unâmo-nos todos, portuguêses, num só blóco e, pondo de parte a politica, entremos numa administração conscienciosa e justa, de que tanto carecemos para honra nossa e da Republica.

Portugal, pelas suas belezas naturaes, pelos seus recursos, que são muitos, tem direito a ter vida desafogada e prospera. Infelizmente está longe disso, devido á muita falta de juizo e capacidade governativa.

Será ainda tempo de evitar o cataclismo final? Eis o que se nos impõe saber, acompanhando a pergunta deste brado que nos sáe expontaneo, caloroso, do intimo do nosso peito arfante de republicano covicto—salvem Portugal!

José G. Gamelas

INCENDIO

Pelas 10 horas de quarta-feira foram chamados os socorros dos bombeiros para o fim do canal de S. Roque, onde na fabrica de chicoria dos srs. Pinho & Irmão se havia declarado fogo.

Acudiram sem perda de tempo as duas corporações, que trabalharam denodadamente para evitar a propagação do incendio além da estufa, conseguindo, depois de aturados esforços, que os prejuizos não fossem totaes, como a principio se supôz.

Estes estão avaliados em 12 contos, sendo cobertos pela companhia *Bonança*.

Todos comem

—(*)—

Agora já não é só a *burguesia*, são tambem os que da burguesia desdenham e que, aproveitando a ocasião de ocupar a pasta do Trabalho o *camarada* Ramada Curto, começaram de comer, mas a comer desalmadamente, como dois ou tres burgueses, segundo a opinião de varios colegas.

Eis as bases em que assenta o novo esbanjamento: o sr. Ramada Curto, tendo reconhecido a necessidade de haver um organismo—mas que lindo nome!—com o fim, não só de fiscalisar a aplicação das verbas destinadas a acudir á crise do trabalho, como tambem a colocar, transferir, anichar, subvencionar e *socialisar* os operarios mais *caras direitas* para as obras dependentes do Ministerio do Trabalho, assim como proceder á elaboração dos contratos de trabalhadores a enviar para a França, resolveu **nomear uma comissão de cinco camaradas com as atribuições de vencimento a cada um de 75$ mensais, limpo e sêco de descontos, e devendo esta pequena maquia saír de uma verba inscrita sob a rubrica:** *Crise de trabalho—Despezas de pessoal e material relativas á crise de trabalhos,* **capitulo 17.º, art. 34.º de despezas extraordinarias do Ministerio do Trabalho, para o atual ano economico.**

Que tal? Positivamente chegámos ao fim do fim. Perderam-se os ultimos assomos de vergonha e a respeito de dignidade profissional é o que se vê.

Portugal é lauta boda,
Onde come a sucia toda...
Lobos famintos, comei!...

SERÁ ASSIM?

Dizem-nos que em volta do proximo arrendamento da loja que, nos baixos da Misericordia, se está arranjando convenientemente, se prepara uma atmosfera de manifesta e escandalosa protecção a favor de determinada pessoa que a pretende.

Chamâmos para o caso a atenção do snr. Provedor para que, a ser o caso como nos informam, faça valer, sem tergiversações, toda a legalidade na adjudicação da referida loja.

As pretenções de todos os cidadãos perante o Direito devem ser eguaes.

Estâmos seguros disso, mórmente depois desta prevenção ao snr. dr. Lourenço Peixinho, zeloso administrador da pia instituição.

Transações

O Banco Regional desta cidade fechou contracto com a firma Cristo, Rocha, Miranda & C.ª, tomando á sua conta a fabrica de moagem com todos os pertences e ainda os dois predios sitos na Rua 5 de Outubro e Praça Luiz Cipriano, por 830 contos.

O mesmo Banco está em negociações para adquirir a fabrica de cerâmica do sr. João Campos, constando que a sua congénere pertencente á firma Jeronimo Pereira Campos & Filhos, será adquirida pelo Banco Brazileiro, que nesta cidade brevemente deverá inaugurar a sua filial, sob os auspicios do milionario Souto Maior.

O snr. José Migueis Picado, tambem adquiriu por 30 contos o edificio da Rua Coimbra, nos baixos do qual tem montada a sua sapataria.

Uma sociedade acaba tambem de adquirir por 19 contos a casa que pertenceu ao sr. dr. Lourenço Peixinho, sita um ponco além da ponte da Dobadoura, constando-nos que outras transações ainda estão prestes a efectuar-se todas tendentes a fomentar o progresso desta terra, já que as suas condições topograficas assim o permitem.

Oxalá todos sejam felizes.

Notas mundanas

Teve o seu bom sucesso, na Ferradosa, dando á luz uma creança do sexo masculino, a esposa do nosso presado amigo e activo negociante na Africa Ocidental, sr. Acacio Simões.

Parabens.

=== *Efectuou-se em Ilhavo o consorcio da menina Adelaide Nunes Guerra, prendada e galante filha do snr. Paulo Guerra, com o oficial da marinha mercante, Samuel Maia, filha do clinico do mesmo nome, ha pouco falecido.*

Muitas felicidades.

=== *Encontra-se bastante doente num quarto particular do hospital, o sr. Bernardo de Sousa Torres, a quem apetecemos rapidas melhoras.*

=== *Passou ontem o setimo aniversario do filho mais velho do nosso amigo Tavares Pinto.*

=== *Parte por estes dias para Barcelos, a tomar posse da sua cadeira de professora oficial, a snr.ª D. Alda Barbosa de Mesquita.*

O AÇUCAR

—=(*)=—

Aplaudimos a adoção do sistema da sua distribuição por senhas porque não se podia continuar a admitir que a todos os comerciantes fosse concedida licença para adquirir açucar para ser vendido ao publico por uma exorbitancia, além do favor que se ficava devendo...

Apezar, porêm, de desde novembro ultimo terem vindo para esta cidade cinco vagons desse artigo, o caso é que não ha uma pitada á venda para acudir ás necessidades, e não ha pitada, dizemos, porque a ocasião não é azada. Contudo, ha muitos quilos para serem fornecidos aos promotores de bailes, como sucedeu pelo carnaval, em que não faltaram golozeimas com que adoçar a bôca aos dançarinos para quem, ao que parece, a vida não apresenta dificuldades na presente conjuntura.

Presentemente a familia aveirense tem senhas, mas não lhe dão açucar!

Ao snr. presidente da Câmara solicitâmos a sua intervenção de fórma a demover os deuses, que tudo mandam, que de tudo dispõem, a amerciarem-se de todos nós.

Snr. presidente: derribe esses deuses, ou então derriba-los-á o povo, sempre espoliado, sempre desatendido e até... troçado.

Desastre mortal

Por carta recebida de Nova-Orleans, sabe-se ter caído ao mar de bordo do lugre *Aveiro*, desta praça, em viagem das Canarias para a America do Norte, o praticante João da Cruz Pinto Rachão, de 15 anos, natural desta cidade, filho mais velho do snr. Cesar da Cruz Bento, negociante de pescado.

O triste acontecimento deu-se no dia 18 de dezembro ultimo.

A pobre creança, que era muito inteligente e viva, foi apanhada por uma retranca que a atirou pela borda fóra, conseguindo, ainda assim, nadando, apanhar o cabo que segurava a barquinha, mas que infelizmente rebentou. De bordo foi-lhe então arremeçada uma boia enquanto se arriava uma baleeira onde quatro tripulantes embarcaram. Como proposito terrivel, porêm, do acaso, uma névoa densissima e subita tudo envolveu, andando a baleeira quatro horas perdida no mar e não tornando mais a ser vista a vitima, que, ferida, lá encontrou sepultura no seio das ondas.

Um desastre que a todos comove.

Aos paes do inditoso João da Cruz e de mais familia, a expressão do nosso sentimento.

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) . . . 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte . . . . 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha . . . . 15 centavos
Comunicados . . . . 20 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Carnaval

A falta de editaes da autoridade regulando o emprego de quanto se poderia consentir nos *divertimentos publicos* carnavalescos, permitiu que se cometessem as mais condenaveis tropelias e abusos que se pódem imaginar.

O que se passou nas ultimas tres noites de folia no teatro não é de gente que se présa de ser civilisada e comedida. Aquilo foi tudo menos o que se chama cousa propria da época. Foi um verdadeiro atropelo a todos e a tudo, sem respeito nem atenção por cousa alguma. Verdadeiros insultos, autenticas selvagerias a que pouco seria responder a cavalo marinho.

Muitos espectadores retiraram-se escandalisados.

Estâmos certos que em nenhuma outra parte se praticaram identicos actos, que são tudo quanto ha de mais provocador e agressivo.

Ora quem é agredido tem o direito de se defender e foi justamente o que lá faltou, visto que nem policia nem ninguem com isso se costuma importar.

O que valeu, ainda assim, para *amenisar* um pouco, foi o *explendido* serviço de restaurante—com preços da... Falperra.

Agradecimento

João de Pinho Valente, Maria da Graça Lopes Valente, Margarida Lopes Valente e os ausentes Esperança Lopes Valente e marido, Augusto Lopes Valente e esposa, Manuel de Pinho Valente e João de Pinho Valente Junior, agradecem penhoradamente aos ex.mos srs. Professores e alunos da Escola de Ensino Normal de Aveiro, que se fizeram representar no funeral da sua chorada filha e irmã Maria da Piedade Lopes Valente, falecida nesta vila a 10 do corrente; igual agradecimento vai até ás pessoas amigas e conhecidas que se interessaram pela sua dôr.

Ovar, 20 de fevereiro de 1920.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 19

O entrudo passaria por aqui despercebido se não fosse um grupo de rapazes e raparigas, vestido á moda do Minho, ter percorrido a localidade, em alegres descantes, no *domingo gordo* e terça-feira, chamando sobre si as atenções dos habitantes que muito o apreciaram. De resto, nada que se parecesse com o antigo folião, a não ser a chuva que caíu no ultimo dia e é da praxe mimosear-nos nesta época quasi todos os anos.

—— Com horriveis queimaduras produzidas pelo fogo que lhe incendiou o vestuario quando, no sabado, brincava com a irmã junto á lareira e na ausencia do pae, saído momentos antes para o trabalho, sucumbiu nesse dia após algumas horas de sofrimento, a pequena Maria, filha de José da Silva Vareiro, morador na Gandara e que foi vitima dum profundo abalo ao ter conhecimento da inesperada ocorrencia.

A infeliz creança, que tinha apenas 10 anos, chegou ainda a ser conduzida á Farmacia Ribeiro e á residencia do medico, sr. dr. Abilio Marques, mas todos os socorros resultaram improficuos ante a gravidade das queimaduras em todo o corpo da desventurada, tão digna de melhor sorte.

A noticia do acontecido, espalhada rapidamente, causou a maior consternação.

—— Por carta recebida do nosso conterraneo José Vieira, ausente em S. Francisco da California, sabemos serem lá acolhidas com indiscritivel alvoroço as noticias que o *Democrata* transmite semanalmente aos seus leitores, motivo por que lembrâmos a todos os nossos amigos, hoje habitando essas longiquas paragens, a conveniencia de o assinarem, contribuindo assim para a sua expansão não só no continente como fóra dele.

—— De visita a seus estremosos paes, estiveram na Oliveirinha, a passar o carnaval, os snrs. Carlos Vidal, estudante de medicina e dr. Arnaldo Vidal, integerrimo juiz de Direito.

—— Tanto da Costa como dos logares circumvisinhos, foi ontem bastante gente a Aveiro assistir á procissão da Cinza, sendo sem conta o numero de ciclistas em transito desde pela manhã até ao regresso.

C.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

—=—

Arrematação

(1.ª publicação)

No dia 7 de março proximo, ás 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e no inventario orfanologico por obito de Maria Rosa da Conceição, moradora, que foi, no local do Bebedouro, freguesia da Gafanha da Nazaré, em que é cabeça de casal o viuvo José Cravo, vai á praça para ser arrematada por quem mais oferecer sobre a avaliação, sendo toda a contribuição de registo e despezas da praça á custa do arrematante:

Uma casa terrea e terra lavradia contigua, sita na Gafanha da Nazaré, alodial, avaliada em 200$00.

Por este meio são citados quaesquer credores incertos para usarem dos seus direitos.

Aveiro, 14 de Fevereiro de 1920.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Pereira Zagalo

O escrivão,

Francisco Marques da Silva

Regimento de Cavalaria n.º 8

Anuncio

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 6 de Março proximo futuro, pelas 13 horas, na parada do seu quartel, se hade proceder á venda, em hasta publica, de 9 solipedes julgados incapazes do serviço do exercito.

Quartel em Aveiro, 14 de Fevereiro de 1920.

O Secretario-tesoureiro,

Adriano de Carvalho

Tenente